

O Plano de Caim

— *Você fica quieto se eu lhe contar uma história?*

O menino o encarou com os olhos vermelhos e úmidos.

— *Pode ser uma história de Natal? — ele perguntou, num volume bem mais baixo que seus gritos anteriores. Suspirando, Caim assentiu.*

— *Eu lhe conto enquanto você vem comigo.*

— *Eu não consigo andar.*

— *Você só tem que se segurar nas minhas costas. Consegue fazer isso?*

— *Consigno. Você conta a história?*

— *Conto. Eu conto enquanto estiver andando. Mas eu vou falar baixo, então você precisa ficar quieto e prestar atenção.*

— *Tudo bem. — Caim esperou o menino montar em suas costas. Não era um movimento fácil. A tortura tinha deformado o moleque, ele não tinha mais uma perna e na que restava seu pé estava virado para trás. Havia furos em suas mãos. O que restava do seu cabelo estava avermelhado, com os restos de sangue. Caim não o culpava, realmente, pelo barulho. Mas precisavam sair dali e rápido, pois os gritos atrairiam gente ali. Ou os gritos terem parado atrairiam gente ali. Ou ambos.*

— *Pegue a corda. Use-a para se amarrar nas minhas costas. — sugeriu.*

— *Você tem certeza? — o menino perguntou.*

— *Tenho. — Caim confirmou. O menino não conseguiria se segurar sem ajuda. E precisavam sair todos dali, ou ninguém sairia. Os espinhos da corda se cravaram dolorosamente em seu focinho, peito e pescoço, enquanto o menino trançava a corda em uma rédea, mas Caim não reclamou.*

— *Pronto. Você pode começar a história. — o menino disse. Caim olhou para as paredes do abismo que precisava escalar de volta e tomou fôlego:*

“Meu pai era demônio, e mamãe era advogada.”

— *Isso não parece o começo de uma história de Natal.*

— *Calma, que eu prometo que até Papai Noel vai aparecer.*

Nossa família até que era bem normal, considerando quem éramos. Quase uma família de seriado americano, sabe? Uma família na pré-história, uma família no futuro, uma família de dinossauros, uma família de super-heróis... mas no fundo sempre é a mesma coisa? Éramos uma família de monstros, mas não nos confunda com a família Monstro. Nem com os Adams.

Minha mãe teve dois filhos com papai. Fomos gêmeos, mas por alguns minutos, eu era o mais velho. Meus pais nunca foram muito bons de resistir à tentação, então nem tentaram. Mamãe se chamava Eva. E deram para mim e para o meu irmão os nomes de Caim e Abel, afinal...

Quando demônios têm filhos com humanos, duas coisas que podem acontecer. A criança pode herdar o corpo de sua natureza de demônio, e a alma de sua natureza humana. Ou vice e versa.

Agora, você pode achar que a mamãe era muito inteligente, ou que papai era. Não era o primeiro contrato dela com papai, claro, mas ela era a advogada. Nenhum dos contratos anteriores dela tinha sido algo que fosse realmente lhe causar problemas no futuro. Mas quando mamãe se viu grávida, aí é que foi o problema. Mulheres fazem coisas muito, muito estúpidas por seus filhos.

E ela não foi exceção. Quando engravidou, ela sabia que tipo de merda poderia...

— *Shhhsh! Olha o palavrão! — o menino bronqueou, puxando a corda. Caim quase perdeu o passo em seu salto.*

— *Sério? Sério mesmo? Você vai brigar por causa de uma palavra?*

— *Crianças boas não falam coisas feias.*

Caim suspirou e continuou.

Seja como for. Mamãe sabia das inúmeras consequências negativas que teríamos se nascêssemos com almas de demônio e corpos de humano. Tanto sabia e se preocupou que ela se dispôs a assinar mais um contrato com papai, garantindo que quantos filhos ela tivesse teriam sempre o corpo de demônio e a alma humana, e nunca o contrário. Ela elaborou o contrato muito direitinho e bem explicadinho, desses que nem sequer um demônio consegue distorcer.

Mas papai nem precisava, pois o preço de uma coisa dessas, bem, não poderia ser baixo.

Foi assim que mamãe vendeu a alma para papai. Não em nenhuma das outras vezes, mas nessa. A cláusula era bem clara. Tirando o juridiquês da frente, o que ela dizia é que no dia em que mamãe morresse papai poderia levar sua alma para o Inferno.

Foi por isso que no dia em que aquele carroceiro bêbado de ascendência direta de um indivíduo empregado no setor de prazeres carnais monetariamente remunerados atropelou a minha mãe, eu sabia que os nossos problemas só tinham começado.

Podemos ser filhos de um demônio, afinal, mas isso não quer dizer que sejamos estúpidos. O inferno não é um bom lugar, nem mesmo para a esposa de um demônio. Afinal, meu pai pode mandar em um pedacinho deste lugar, mas não é o manda chuva geral, longe disso. E até mesmo ele tem que manter as aparências.

E se nossa mãe se meteu nessa encrenca por nossa causa, eu e meu irmão tínhamos que resolver isso, não? Pelo menos era o que eu achava. Sinceramente, eu esperava que meu irmão achasse também.

Não me leve a mal, eu amo o meu irmão. Mas sabe, essa história de se ter corpo de monstro e alma de humano... bem, não é alma de anjo, é de humano. Cada um escolhe o que quiser de sua vida.

Quando eu comecei a descobrir como o mundo funcionava, eu percebi que levar algumas regras a sério podia compensar. Não precisa ser todas, mas as mais sérias. Ter alguns pontinhos na lista de “garotos bons” pode recompensar no final. E eu não precisei nunca ter dúvidas existenciais. Não há como se perguntar se o inferno existe quando se é filho de demo. Assim sendo...

Mas ainda assim, mesmo com provas cabais à frente, cada um é cada um. Meu irmão Abel discorda das minhas interpretações de metafísica, vamos colocar assim.

E como ele discorda, ele me acha um careta cdf coxinha banana e patético. E gente com a inclinação filosófica dele não trata bem caretas cdf coxinhas bananas e patéticos. Então, nunca fomos exatamente muito próximos.

Então quando bati na janela da classe de recuperação dele, ele me mandou desaparecer.

“Não posso desaparecer.” — eu disse. “Tenho que falar com você.”

“Se manda, vira-lata, antes que eu faça você se mandar.”

“Mamãe morreu.” — falei, e ele parou de palhaçadas. Ficou sério. Perguntou:

“Quem?”

“Você está atrasado. O assassino já foi devidamente estripado e esquartejado, sua cabeça está exposta em praça pública, sua casa foi demolida, seu quintal foi salgado e até o cachorro que ele tinha foi esfolado. Papai já levou a alma dele para o inferno faz tempo.”

“Quanto tempo você demorou para vir aqui me contar?”

“Dois minutos, depois do papai me contar. Aconteceu faz quinze minutos, parece. Lembra, demônios não precisam se demorar com uma pessoa antes de matá-la. Eles têm a eternidade pela frente.”

“Tá, mas então...”

“Papai levou a alma da mamãe para o inferno.”

“Por que o papai levaria a alma da mamãe para o inferno?”

De vez em quando o meu irmão Abel é muito, muito burro.

“Eles tinham um contrato.”

“E por que a mamãe assinaria um contrato assim?”

Mesmo, burro.

“Por nossa causa. Mas o que importa não é o porquê, é o como. Quando você já viu a mamãe fazer um contrato que pareça prejudica-la que não tenha um truque no meio?”

“Nunca.”

Ele tem salvação ainda.

“Isso mesmo. Eu li o contrato, e eu sei qual é o truque. Mas eu vou precisar da sua ajuda.”

“Não precisava nem perguntar.”

“Primeiro de tudo, vamos ter que encontrar o papai.”

“Oras é só ir para... ele não voltou para casa, voltou?”

“Em um certo sentido sim.”

“Tá... então como você espera que cheguemos lá? Se suicidar destruiria o caminho de volta, e viajar lá vivos não é exatamente simples.”

“De trenó.” — eu respondi, e meu irmão, que sempre achou que o estúpido da família era eu, me olhou com cara de orifício de esfíncter terminal do sistema digestório.

Maninho era o favorito de papai. Acho que vem com o nome. Já eu, sempre fui o favorito da mamãe. Ela me deixou, uma vez, ler as cópias de todos os contratos que ela já um dia fez. Foram os melhores meses de férias da minha vida.

Foi quando li os contratos que percebi o plano. Mamãe o tinha desde o início. E vi que ela me escolhera para cumpri-lo. Só que eu não conseguiria sozinho. Eu precisava de algumas outras pessoas.

A primeira delas era o meu irmão. Eu precisava de alguém em quem confiar lá em baixo. E eu posso não me dar bem com o meu irmão, mas isso não muda o fato de que somos irmãos. Gêmeos. Esse tipo de laço é forte.

A segunda, estávamos com sorte. Afinal, era Dezembro.

Uma vez por ano, o tempo pára. Quer dizer, o tempo pára várias outras vezes. No Ano Novo, na Páscoa, no Carnaval, na véspera do dia dos Mortos... Mas só uma vez por ano o tempo pára entregando presentes.

Porque uma vez por ano, o Papai Noel percorre o mundo dando a cada criança boa do mundo o seu desejo do fundo do coração. Pode parecer piegas, mas em um mundo em que demônios se casam com advogadas, faz perfeito sentido.

E claro, Papai Noel tem que parar o tempo, ou não teria como dar presentes a cada criança. São cerca de 967 entregas a fazer por segundo, mesmo contando com as 31 horas que ele ganha com o fuso horário e fazendo as entregas de leste para oeste. Sem contar as recargas do trenó, ou acha que doze renas voadoras aguentam com as 321300 toneladas de presentes? Vários já fizeram a conta, e como podem ver, ela não

fecha. Dizem que foi assim que o irmão dele ficou daquele jeito, e olha que na época tinha muito menos crianças no mundo.

Mas não é para todos que o tempo pára. Só para uns 99% do mundo, sabe, todos os que não são criaturas mágicas.

Como filhos de demônio, eu e meu irmão nunca ganhamos presentes de Natal. Acho que em parte é por isso que Abel é tão revoltado. Mas nada nos impede de enviar uma carta para o Papai Noel. Independente de como é a criança, todas as cartas de todas as crianças no mundo chegam no Papai Noel. Faz parte, sabe? O Pete Black também precisa fazer a sua lista de Natal.

Antes de falar com meu irmão, eu tinha escrito uma carta para o Papai Noel. E enviado. O que quer dizer que joguei-a pela janela.

E o bom velhinho a pegou.

Eu achava que iríamos esperar até pelo menos o dia vinte e quatro para ele aparecer, mas quando chegamos em casa, o trenó estava estacionado na frente, Rudolph degustando as camélias premiadas da mamãe. Quem pára o tempo por quase um ano por ano não deve se preocupar muito com pontualidade afinal.

Dizem que o Papai Noel é risonho e feliz, e sei que crianças boas como você devem adorá-lo.

Mas... como diz a canção, você deve vigiar, não deve chorar e não deve fazer manha, pois ele faz listas e checa duas vezes, e julga quem é bom e quem é mau, o vê quando você dorme, sabe o que você faz quando você está acordado e sabe se você é bom ou ruim, mas seja bom só porque a bondade é boa, não tem nada a ver com punições ou recompensas, presentes ou carvão, céu e inferno não...

E como meu irmão costuma dizer, não importa o que façamos da nossa vida, pois com os pais que temos, vamos ganhar carvão em cada Natal. Eu não chamaria o velhinho de camarada.

E ele não ia com a nossa cara também. Não é como se ele fosse me dar o presente que eu pedi na cartinha. Ele a jogaria para seu irmão para queimar em carvão não fosse o que eu tinha escrito. E por isso, ele me encarou e perguntou:

— O que você disse em sua carta é verdade?

— Verdade verdadeira juro de pés juntos e dedos estendidos. — afirmei.

— Então você tem que devolvê-lo. Agora.

— Nossa, que pressa. Você nem tinha percebido que ele estava perdido. Achava o quê? Que ele tinha ido para a terra do Nunca?

Ele fungou, provavelmente porque achava. Eu murmurei para o meu irmão ir pegar em casa três coisas. Uma: o contrato que mamãe fizera com papai, o certo.

A segunda: o que quer que ele achasse que precisava para lembrar o papai de que ele amava a mamãe. Porque ele amava. Todo demônio tem uma, e apenas uma virtude, e só essa, nem mais nadinha. E a do papai era o amor. Ele realmente amava a

sua esposa, ele realmente amava a nós, seus filhos. Não era só armação. Mas tem momentos em que isso não faz muita diferença, já que demônios não nasceram com livre arbítrio.

E a terceira coisa: caneta, selo, papel e envelope. Todo o necessário para se escrever uma carta.

— Você vai me dizer onde ele está.

— Eu vou fazer melhor. Eu vou te levar até lá. Eu e meu maninho vamos com você busca-lo.

— Inaceitável.

— Oferta única. Imperdível. E que você sabe muito bem que não pode recusar.

— *Por que ele não poderia recusar?*

— *Porque a magia tem regras. Na verdade, se alguém se desse ao trabalho de estudar, veria que a ideia de magia é completamente furada. A magia tem tantas regras, que é simplesmente ciência que não foi descrita ainda. E o Papai Noel tem regras. Ele pode fazer muitas coisas, mas é obrigado a fazer outras. Ele não leva um presente para cada criança boa do mundo simplesmente porque é bonzinho. Isso é uma regra dele. Se uma única criança da lista dos bonzinhos ficar sem seu presente de Natal, o Papai Noel é desfeito. Não simplesmente morto. Desfeito. Nenhuma criatura mágica gostaria de ser desfeita.*

Abel voltou com as coisas. Papai Noel fungou de novo. Pulei no trenó. Abel cutucou o metal dourado e queimou o dedo. Me olhou novamente com a mesma cara de antes.

— Puxe a manga do seu casaco para não tocar no metal sagrado. — falei. Abel resmungou, mas obedeceu. Papai Noel resmungou, mas aceitou. Perguntou:

— Então, qual o caminho?

— Comece indo para a casa de solteiro de papai. — eu disse, e a risada do bom velhinho foi daquelas de gelar espinhas.

— Qual é o seu plano? — Abel me perguntou.

— Você leu o contrato?

— Só passei os olhos.

— Veja a cláusula cinco, parágrafo três. O que não está escrito?

— Está escrito que papai tem o direito de levar a alma da mamãe para o inferno.

— Eu perguntei o que não estava escrito.

— E como eu vou saber o que não está escrito? — parafraseio meu irmão, já que você não gosta de palavras.

— Em nenhum momento no contrato mamãe entrega a papai o direito de MANTER a alma dela no inferno.

— Mas ela não cita nada sobre isso.

— Exatamente.

— Ah! Mas como?

— Você é o favorito do papai. E ele amava a mamãe.

— Ele acha que se deixar a alma da mamãe sair do inferno, eles nunca mais vão se ver. Mas mamãe também nunca iria para o céu... Ela sabe muito bem quais são as escolhas dela, e buffet de nuvem com acompanhamento lírico de coral de anjos está atrás de queimar eternamente no mármore do inferno. Ela iria renascer não?

— Ela vai reencarnar, se papai deixar. E ele quer isso também.

— Claro. E papai vai precisar encontrá-la. E eu tenho certeza que vai ser muito mais divertido para os dois do que de qualquer outro jeito. Mas papai vai precisar de uma maneira de manter as aparências.

— É nessa parte que eu entro. Você convence o papai, e eu resgato nossa desculpa para sair de lá.

— Desculpa?

— A mesma que nos ganhou uma viagem de trenó. O menino.

— Que menino?

— O menininho pastor.

— Que menininho pastor, expletivo? — parafraseio.

— O que foi levado sem um contrato ainda vivo até o inferno.

— *A história é sobre mim?*

— *Claro que é. Que outra história de Natal eu poderia conhecer?*

— *Mas meu dono assinou o contrato.*

— *E você nunca assinou. Minha mãe me mostrou isso. Ainda agora, no início dessas férias. O demônio que te trouxe para cá não tinha o direito de fazer isso.*

— *Mas de que adianta ele não ter o direito?*

— *Adianta que você ainda é um menino bom. E portanto, Papai Noel TEM que lhe dar um presente de Natal, e para um menino que conseguiu continuar sendo bom mesmo estando no inferno, o presente tem que ser espetacular.*

— *Então eu sou a sua desculpa, e a passagem de vocês de volta para casa?*

— *Isso.*

— *E se eu não quiser ajudar vocês?*

— *Você vai ajudar.*

— *Por que você tem tanta certeza?*

— *Em primeiro lugar, porque você é um menino bom. Em segundo lugar, porque você já experimentou tudo isso aqui. E em terceiro, porque viemos aqui resgatar você do inferno.*

— *Vocês vieram resgatar a sua mãe do inferno.*

— *E acha mesmo que a única forma de fazer isso era resgatando você também?*

Mais alguns saltos para chegar ao topo do abismo. Ficaram em silêncio por uns minutos. Então o menino perguntou:

— *Essa é uma história que não tem ainda final?*

— *É... bem, mesmo, não tem ainda.*

— *Você é péssimo em contar histórias, sabia?*

— *Ah... passei todos os meus onze anos aprendendo com mamãe como fazer planos maquiavélicos. Não sobrou tempo para aprender a contar histórias.*

— *Um dia eu te ensino. Oooh, aquele é o Papai Noel?*

— *E seu trenó de veadinhos voejantes.*

— *É maravilhoso.*

— *Cada um com sua sina.*

Caim se aproximou do Papai Noel, de seu pai e do seu irmão, que discutiam a altos brados.

— *Feliz Natal, todo mundo. — uivou.*

— *Ah, você! — seu pai rosnou. — A culpa de todo esse absurdo é sua, não é? Acha que o Inferno é a casa da mãe Joana, moleque.*

— *Não, papai. Acho que é a sua casa.*

— *E como você me faz esse tipo de malandragem?*

— *Malandragem? Eu só queria passar um Natal em família.*

— *Não mente, moleque. Eu sei o que você veio fazer aqui. Eu sei o que seu irmão veio fazer aqui, ele está me explicando em detalhes há horas. E vou lhes dizer uma coisa. Vocês planejaram muito bem como iam chegar aqui, parabéns. Só que falta metade do plano de vocês. Até parece que vocês não sabem que cada alma que venha de boa vontade para o inferno fica presa nele. E agora não só sua mãe está presa aqui como vocês dois também!*

— *Eu não menti, papai. Eu queria passar o Natal em família. Até lhe trouxe um presente.*

— *Qual presente?*

— Por favor, papai. Parece até que você não notou que eu fiz o Papai Noel descer até aqui. De boa vontade, por sinal.

Papai sorriu. Papai Noel lembrou-se onde estava. Caim cutucou o moleque montado em suas costas.

— Espere. — disse o negrinho. — O Papai Noel também tem presentes para entregar, não? Ou ele vai ser desfeito. E ser desfeito é diferente de morrer, e se ele for desfeito não vai sobrar nem a alma dele para ficar no Inferno, não é mesmo?

O diabo deu de ombros, sorrindo maliciosamente:

— Claro, claro, ele tem presentes a entregar. Mas ele não pode mais sair do inferno para entrega-los. Então, Papai Noel... alguma criança boa aqui que mereça sua digníssima atenção e carinho? Ou você lembrou de carregar carvão neste trenó?

— Na verdade, — Papai Noel tentou manter sua dignidade. — existe uma criança boa para a qual devo entregar um presente, mesmo aqui. O que você quer de Natal, menino?

Abel passou ao garoto a caneta, papel, selo e envelope. Ele escreveu, e deixou a carta cair no chão. Um diabrete tentou pegá-la, mas Papai Noel foi mais rápido.

— Então, o seu maior desejo é ganhar um conjunto de seis passes de saída livre e imediata do inferno? — Papai Noel gargalhou, acompanhando a frase com um sincero ho ho ho. — E você mesmo me disse que se eu tivesse alguém a quem entregar um presente no Inferno eu poderia fazer isso, Adam.

O sorriso de Adam continuou estampado em sua cara.

— Verdade. E demônios sempre cumprem sua palavra, ao pé da letra.

Papai Noel entregou os passes ao negrinho. O menino imediatamente entregou um a ele de volta. E um a Caim. E um a Abel. E um à alma de Eva. Olhou para as renas, e entregou um a Rudolph. E ficou com o sexto.

— Muito bem. — disse Adam, o demônio. — Vocês seis podem deixar o inferno, afinal, estão com o passe de saída livre. Aproveitem. — e enquanto isso, os diabretes já começaram a retirar as outras renas do trenó.

— Mas... — Papai Noel tentou reclamar.

— Eu tenho certeza que uma só rena consegue levar esse seu trenó quase vazio, não é?

Foi a vez do demônio gargalhar. E do sorriso do Papai Noel desaparecer.

Com um gesto de mão, Adam enviou os seis para os campos sulinos de onde o corpo do menino pastor desaparecera.

A alma de Eva, desencarnada, deu um último abraço em seus filhos antes de desaparecer. Agora, só a veriam novamente quando ela reencarnasse.

Papai Noel e Rudolph se olharam desolados, e assim que os três passageiros desceram a rena se lançou no ar, com dificuldade erguendo o trenó e o enorme velhinho. O barulho de sininhos que acompanhava o vôo agora parecia estupidamente triste.

O menininho começou a sangrar.

— Agora a gente envia esse pirralho de volta para o papai. — Abel disse.

— Ele é nosso amigo. — Caim censurou, e mordeu o próprio pulso. O sangue escorreu da ferida dele para as feridas do garoto, reformando o corpo destruído com carne demoníaca. — Lembra que também temos poder mágico, maninho?

— Por que deixar papai bravo só para salvar esse moleque? Se ele não voltar para o inferno, papai vai ter sido ludibriado no contrato.

— Papai não vai ser ludibriado, desde que ele receba uma alma pelo contrato que cumpriu. E assim vai ser mais engraçado. — o menino acordou. — Tenho um presente para você, moleque.

— Esse chapéu não era do Papai Noel?

— Ele não vai sentir falta. E o gorro vermelho fica melhor em você.

— Obrigado. — o negrinho colocou o chapéu e sorriu. Seu corpo não tinha simplesmente se curado. Não, não funcionava assim. Seu pé ainda estava virado para trás. E era único. Suas mãos continuavam furadas. Mas agora não sentia mais dor, e pé e mãos funcionavam perfeitamente, e ele levantou e saltitou com mais facilidade do que quando tinha duas pernas. — Me sinto diferente.

— Não há de quê. E então, agora que você também é um diabrete, o que acha de irmos assombrar um certo fazendeiro que acha que pode fazer tratos com a alma dos outros?

Abel entendeu. E sorriu:

— Ah, então era para isso que você precisava de mim. Afinal, tem que ter alguém disposto a matar no grupo para o fazendeiro desencarnar, e esse plano funcionar.

*— Maninho, quando você vai entender que meus planos sempre incluem você?
— Caim perguntou, retoricamente.*

E no dia seguinte havia uma fazenda a menos nos Pampas sulinos.